



Universidade de Brasília

Centro de Estudos do Cerrado da Chapada dos Veadeiros

(Centro UnB Cerrado)

PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU*

Especialização em Sociobiodiversidade e Sustentabilidade no Cerrado

**ARLETHE CEZAR DOS SANTOS**

**ENTRE FIOS E TRAMAS:  
MULHERES E TECELAGEM NA CHAPADA DOS VEADEIROS**

**ALTO PARAÍSO DE GOIÁS – GO  
2018**

Universidade de Brasília  
Centro de Estudos do Cerrado da Chapada dos Veadeiros  
(Centro UnB Cerrado)  
**PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU***  
Especialização em Sociobiodiversidade e Sustentabilidade no Cerrado

**ARLETHE CEZAR DOS SANTOS**  
**ENTRE FIOS E TRAMAS:**  
**MULHERES E TECELAGEM NA CHAPADA DOS VEADEIROS**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Sociobiodiversidade e Sustentabilidade no Cerrado, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Sociobiodiversidade e Sustentabilidade no Cerrado.

Orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Coelly Fernandes Saraiva

**ALTO PARAÍSO DE GOIÁS – GO**  
**2018**

SSA237e Santos, Arlethe Cezar dos  
Entre Fios e Tramas - Mulheres e Tecelagem na Chapada dos  
Veadeiros / Arlethe Cezar dos Santos; orientador Regina  
Coelly Fernandes Saraiva. -- Brasília, 2018.  
51 p.

Monografia (Especialização - Especialização em  
Sociobiodiversidade e Sustentabilidade no Cerrado) --  
Universidade de Brasília, 2018.

1. Tear.. 2. Resgate.. 3. Memória.. 4. Renda.. 5. Chapada  
dos Veadeiros.. I. Saraiva, Regina Coelly Fernandes ,  
orient. II. Título.

Monografia de autoria de Arlethe Cezar dos Santos, intitulada “Entre fios e tramas: mulheres e tecelagem na Chapada dos Veadeiros”, apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Sociobiodiversidade e Sustentabilidade no Cerrado, em 12 de dezembro de 2018, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Coelly Fernandes Saraiva  
Orientadora – Universidade de Brasília/Centro UnB Cerrado

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Cristina da Silva Cruz  
Universidade de Brasília/Centro UnB Cerrado

---

Prof.<sup>a</sup> Mestre Eliana Aparecida Silva S. Feitosa

## DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia à minha mãe. Uma grande mulher, que, mesmo não estando mais neste mundo, trouxe-me a ele e me criou com toda sua força. Às mulheres de fibra e coragem que contribuíram com esta monografia e representaram aquelas que não o puderam fazer. A minha dedicação, admiração e profundo respeito ao modo como essas mulheres vivem e sobrevivem no Cerrado, sendo sempre motivo de orgulho e reconhecimento. E aos meus filhos, por serem meu incentivo de vida.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que nunca me desamparou, pela oportunidade de estar realizando este trabalho de suma importância para o desenvolvimento da minha vida profissional. Obrigada, Deus, por me ajudar a seguir por este caminho que chegou ao fim. Sei que o Senhor me dá as forças de que preciso para ir sempre além.

Ao meu marido, Marcelo Roriz, pela força e paciência para me levar e buscar nos caminhos que percorri até chegar ao fim deste trabalho, sempre acreditando no meu potencial, na minha coragem e nas minhas ideias. Aos meus filhos, Kim e João, por serem a minha força e o meu incentivo na luta pela vida, com a intenção de ser para eles um exemplo de perseverança. Aos meus irmãos, pelas palavras de força e incentivo para tudo que se refere aos meus estudos, Adevaldo, Edinaldo e Vilmar. Meus mais sinceros agradecimentos.

Às minhas colegas, Franciele, Renata e Jhenifer, que por vários dias me ajudaram a cuidar do meu bebezinho sempre que necessário, por não medirem esforços para me ajudarem com seu imenso afeto e bondade.

Ao meu ex-marido, finado Fernando Lana, com o qual caminhei por 10 anos de minha vida, tornando-se o corresponsável pelo meu resgate na Chapada dos Veadeiros no que se refere à minha vivência com a ancestralidade afro-indígena.

À minha querida amiga e revisora deste trabalho, Ana Cristina Paixão, pois, se não fossem seus conhecimentos e sua dedicação, não teria conseguido seguir adiante.

Obrigada a todos os amigos que conquistei durante o curso de Especialização em Sociobiodiversidade.

Agradeço também a todos os professores da Especialização que contribuíram imensamente na minha formação, em especial à Nina Laranjeira e à Regina Coelly. Muito obrigada pelas instruções, pelo apoio e, principalmente, pela paciência.

*“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”*

*Arthur Schopenhauer*

## RESUMO

O presente memorial aborda o mundo da arte e ofício da tecelagem, primeiramente traçando um panorama histórico dessa técnica, depois, relacionando esses conceitos à cultura atual do tecer entre as mulheres moradoras da região da Chapada dos Veadeiros. Analisa de forma qualitativa a forma de viver dessas mulheres e o modo como tear se ressignifica tornando-se fonte de renda, de resgate do feminino e de empoderamento. Busca verificar o processo de emancipação dessas participantes e o que elas acham da cultura do tear em suas comunidades. Na Chapada dos Veadeiros, as mulheres entrevistadas relataram o saber tradicional da tecelagem como indispensável para a produção de roupas nos tempos antigos do quilombo. Faziam uso de técnicas e conhecimentos sobre a tecelagem repassados por seus antepassados. As hipóteses de pesquisa foram: a tecelagem tradicional de raiz como de suma importância para a geração de renda das comunidades tradicionais; se as mulheres envolvidas com a tecelagem alcançaram seus objetivos, realizaram sonhos e mudaram suas vidas após o contato com a tecelagem manual de pente liço e se fortaleceram enquanto mantenedoras financeiras de seus lares por meio da renda advinda da venda de suas peças.

**Palavras-chave:** Tear. Resgate. Memória. Renda. Chapada dos Veadeiros.

## ABSTRACT

The present memorial addresses the world of art and weaving, first tracing a historical panorama of this technique, and then relating these concepts to the current culture of weaving among women living in the Veadeiros Plateau region. It qualitatively analyzes the way of living of these women and the way in which the loom is re-signified becoming a source of income, a rescue of the feminine and empowerment. It seeks to verify the emancipation process of these participants and what they think of the loom culture in their communities. In the Veadeiros Plateau, women interviewed reported the traditional knowledge of weaving as indispensable for the production of clothing in the quilombo's ancient times. They used techniques and knowledge about weaving passed on by their ancestors. The hypotheses of research were: traditional weaving of root as of utmost importance for the generation of income of traditional communities; if the women involved in weaving achieved their goals, realized dreams and changed their lives after contact with hand weavings and became stronger as financial keepers of their homes through the income from the sale of their pieces.

**Keywords:** Loom. Rescue. Memory. Income. Veadeiros Plateau.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1.1. Memorial: a tecelagem como tema da pesquisa</b> .....	11
<b>2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	16
<b>2.1. Chapada dos Veadeiros: Cerrado, história, povos e comunidades tradicionais</b> .....	16
<b>2.2. Sociobiodiversidade e a Chapada dos Veadeiros</b> .....	18
<b>2.3. Tecer: um ofício que resiste ao tempo</b> .....	19
<b>3. MATERIAIS E MÉTODOS</b> .....	22
<b>3.1. Mulheres participantes da pesquisa e suas comunidades</b> .....	23
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	25
<b>4.1. Tecelagem tradicional na Chapada dos Veadeiros</b> .....	25
<b>4.2. O tear de pente liço e o resgate da tecelagem</b> .....	28
<b>4.3. Tecelagem e sustentabilidade na Chapada dos Veadeiros</b> .....	37
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	40
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	41
<b>ANEXOS</b> .....	43

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. Memorial: a tecelagem como tema da pesquisa

Sou Arlethe Cezar dos Santos, tenho 37 anos, sou casada e tenho dois filhos, Kim e João. A forte relação que tenho com este trabalho de pesquisa está intrinsecamente ligada à cidade onde nasci, Arraias, situada ao sul do Tocantins. Até 1988, minha cidade fazia parte do estado de Goiás e sua história era parte da história da Chapada dos Veadeiros, no nordeste goiano, onde passei a viver anos depois<sup>1</sup>.

Arraias está localizada no território onde, no passado, D. João VI, rei de Portugal e do Brasil, criou a Comarca do Norte. Em meados do século XIX, Arraias deixou de ser vila e passou a pertencer a Cavalcante, logo depois a Monte Alegre de Goiás (BRASIL/IBGE, 2018) e, finalmente, em 1988, passou a integrar o estado do Tocantins. Os povos que vivem na porção sul de Tocantins e no nordeste do Goiás, mais especificamente na Chapada dos Veadeiros, são unidos por tradições e culturas vivenciadas em um território comum.

Arraias, Cavalcante, Monte Alegre de Goiás e outras localidades próximas a essas cidades, desenvolveram-se em torno do ciclo do ouro em Goiás, no século XVIII. A mão de obra de negros escravizados foi a base de sustento da economia aurífera em seu período de apogeu na região (MOURA, 2001). Os maus tratos, o desejo de liberdade e o declínio da exploração do ouro, que demandava cada vez menos mão de obra escrava, levaram muitos negros a fugirem e buscarem novos lugares para viver. As serras, de difícil acesso da Chapada dos Veadeiros, foram os lugares escolhidos. Ali, foi se formando um grande quilombo, hoje conhecido como Sítio Histórico e Cultural Kalunga<sup>2</sup>.

Nesse território do Nordeste goiano e sul de Tocantins, aconteceram muitos encontros entre os negros fugidos e os povos originários, indígenas que habitavam a região. O apoio dos índios ajudou os ex-escravos a se sustentarem no Cerrado<sup>3</sup> e irem formando a vida nos quilombos. Os municípios que compõem a Chapada dos Veadeiros carregam laços fortes com as culturas afro-indígenas.

---

<sup>1</sup> A Chapada dos Veadeiros é formada pelos municípios goianos de São João d'Aliança, Alto Paraíso de Goiás, Colinas do Sul, Cavalcante, Monte Alegre de Goiás, Nova Roma e Teresina de Goiás.

<sup>2</sup> O Kalunga é o maior quilombo em extensão territorial do Brasil, com cerca de quatro mil pessoas abrigadas em 253 mil hectares de Cerrado. Possui 33 comunidades e sete em processo de certificação pela Fundação Cultural Palmares (Secretaria de Estado da Mulher, do Desenvolvimento Social, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, 2018). Foi reconhecido, em 1991, pelo governo do estado de Goiás como Sítio Histórico e Cultural Quilombo Kalunga. As comunidades Kalunga estão distribuídas nos municípios de Cavalcante, Monte Alegre de Goiás e Teresina de Goiás (ver mapa no Anexo 1).

<sup>3</sup> Bioma predominante na região da Chapada dos Veadeiros, em Goiás.

O território é formado por fazendeiros, quilombolas, pequenos produtores, indígenas remanescentes e por “chegantes”. No século XX, mais precisamente na década de 70, a região da Chapada, em especial o município de Alto Paraíso de Goiás, recebeu grupos de alternativos movidos pelo movimento da contracultura, os *hippies*, que buscavam uma vida de paz e mais próxima à natureza, ficando conhecidos como “chegantes”.

Foi na Chapada dos Veadeiros, chão cheio de histórias, tradições e valores diferentes que fui criada e tudo isso teve muita importância na minha formação como pessoa, cidadã, mulher e mãe.

Em 2008, formei-me em licenciatura em História pela Universidade Estadual de Goiás. Sou professora há dezoito anos. Nesse ofício, dediquei-me e realizei muitas ações, atividades e projetos pedagógicos na área sociocultural e ambiental em alguns municípios goianos, entre eles, Alto Paraíso. Como professora lecionei em muitas escolas e tive contato direto com as comunidades tradicionais da Chapada dos Veadeiros, entre elas, as comunidades quilombolas Kalunga. Conheci de perto a realidade, o modo de viver e de se relacionar com a natureza daquele povo. Em cada comunidade que visitava e lecionava, dia após dia, eu me deixava levar pelas oportunidades de estar ali, investigando, conhecendo e lembrando sobre as tradições, a cultura e o modo de vida daquele povo resistente e guerreiro.

Em Alto Paraíso, tive a oportunidade de me aproximar da tecelagem. Fui presenteada por Janete Guper, minha comadre, e por Marialba, minha amiga, com o curso de tecelagem no tear de pente liço. Então, comecei a tecer no ano de 2000. Esse curso levou-me a uma aproximação com mulheres que realizavam essa prática com arte, graça, força, solidariedade e sustentabilidade na região na Chapada dos Veadeiros.

Em um primeiro momento, o curso de tecelagem tradicional no tear de pente liço veio como uma terapia, acalmava-me a alma, fio a fio. No decorrer do curso, naquelas tardes com outras mulheres, entre uma prosa e outra, entre urdiduras e tramas do tear, buscava na memória lembranças e histórias dos encontros e prosas com minha avó. Ela contava como era o fazer das roupas nos tempos dos mais velhos.

Mesmo não tendo uma recordação clara de minha avó tecendo em teares de pedal, muito usado na região da Chapada, lembrava-me do tear de prego, no qual ela fazia colchas e tapetes, e também dos fios, em rolos de vários tamanhos, que eu observava pendurados na

parede e não entendia por que estavam sem uso. Lembrava-me também dos teares de madeira gigantescos nas salas e nos fundos das casas em que entrei quando criança.

Hoje, entendo por que havia tantos teares encostados, abandonados em algum canto da casa sem uso. Existem muitas variedades de teares, mas, a maioria das mulheres que tecem manualmente prefere algo mais moderno e mais leve para trabalhar. Com tantas evoluções que passaram essas máquinas, os mais pesados, de difícil mobilidade, foram sendo deixados para trás. Mulheres com idade avançada muitas vezes ficavam impossibilitadas de manuseá-los. A elas restava dar continuidade a outros elementos da tecelagem, como produzir a matéria-prima, o algodão, que plantavam, cardavam, fiavam e tingiam os fios.

De tanto conviver na infância com rolos de fio de algodão de cores vivas, alaranjado, azul, verde, marrom e branco, alguns com tingimento de plantas do Cerrado e outros coloridos pela própria natureza, aguardei o momento de aprimorar-me nas tramas do meu tear e poder confeccionar uma arte com fios de algodão feitos como aqueles que minha avó e tias manuseavam quando eu era criança.

O trabalho realizado no curso virou o projeto Tear Itinerante, que teve início em 2000<sup>4</sup>. Janete Guper foi a anfitriã, doadora dos teares e das linhas, com Veet Maia. Elas eram “chegantes”, estavam preocupadas com a insuficiência de renda das famílias locais e foram agregando muitas mulheres (“chegantes” e tradicionais).

O projeto tomou proporções inimagináveis e foi somando mulheres que já ganhavam suas vidas com arte em barro, tricô e terapia com massagens ayurvédica, que resolveram também passar suas técnicas e ofícios para mulheres que viviam em situação precária. Essa iniciativa atraiu muitas pessoas, inclusive eu, para a causa solidária que estavam organizando.

O trabalho foi promovendo capacitação e profissionalização voltadas para o ensino de novas técnicas dessa arte milenar tão forte do arquétipo feminino. Fomos aos poucos trazendo para o presente as memórias e a tradição de mulheres como Dona Getúlia, Dona Lió, Maria Tereza, Camila, Bárbara, Rosa Lena e tantas outras que participaram do projeto. Histórias de um passado distante, adormecidas nos enormes teares de pedal, encostados como peça de museu, foram sendo trazidas pelas mulheres participantes do projeto.

---

<sup>4</sup> Infelizmente, todo o trabalho realizado com o grupo Tear Itinerante, em Alto Paraíso, do qual fiz parte, não pôde ser registrado aqui com imagens, pois o computador onde o material estava armazenado foi danificado em um acidente de carro.

Trago à memória mulheres e matriarcas que conheci na Chapada dos Veadeiros: Dona Ana. Ela era a melhor em fiar o algodão, que de tão fofo, mais parecia lã, macio e alvo. Seu algodão, plantado no seu quintal, era muito apreciado pelas tecelãs. Dona Zefa, seu trabalho era encantador; preferia o trabalho com cores e seus fios eram tingidos com urucum e açafraão e eram mais abertos. Produzia fios de pigmentação marrom, a partir do barbatimão, que reluziam. Seu forte era fiar e tingir fios únicos de urdidura. Recordo-me, com muito carinho, das prosas com ela, uma autêntica Kalunga, que assim como sua mãe, aprendeu a arte de processar o algodão como ninguém.

Segui com o meu ofício de tecelã, respaldada pelo carinho, união e força da turma da tecelagem com base em Alto Paraíso. Esse grupo movimentou reuniões regadas a muita criatividade, alegria e, claro, sempre tecendo. Em parceria com a Secretaria de Turismo de Alto Paraíso, montamos uma pequena loja para atender os turistas na alta temporada. Na loja, agregamos também uma exposição de artesanatos tradicionais da Chapada. Éramos convidadas para expor em eventos, congressos, feiras na região, no estado e em diversos lugares.

Tudo isso me inclinou a aceitar o convite para gerenciar projetos e ações na Gerência de Cultura da Secretaria de Educação, Cultura e Lazer da prefeitura municipal de Alto Paraíso entre os anos de 2008 e 2012.

Fomos cada vez mais nos capacitando. Os cursos nos deram sustentação para fazer peças de tear; confeccionar nossas próprias embalagens; comercializar com apresentação visual, incluindo a identidade de cada tecelã; cada uma no seu tempo, com sua maneira única e própria de criar e produzir. O meu forte sempre foi tecer com fio de algodão Kalunga e a peça que mais gostava de produzir era o “porta-treco”, utensílio muito utilizado para guardar talheres pelas mulheres da minha família. Outras, como Dona Getúlia, preferiam fazer colchas.

Com o projeto Tear Itinerante fomos nos tornando mulheres autônomas e profissionalizadas. Fomos também resgatando nossos valores e ancestralidades em contato com os Kalunga, fomos nos empoderando. Conhecemos lugares, pessoas e situações. Trocamos experiências por meio da tecelagem. Pudemos saborear o prazer de tecer nas tramas ora crua, ora colorida de nossos teares, levando a imaginação a lugares antes inexplorados. Foi assim que se deu o meu contato/resgate com a tecelagem na Chapada dos Veadeiros.

Toda essa experiência vivenciada com o resgate da tecelagem me fez perceber que a tecelagem não era apenas uma técnica, ou arte, mas a (re)conexão com o feminino, com minha autonomia financeira e meu empoderamento. Fui percebendo que as mulheres da Chapada dos Veadeiros envolvidas com a tecelagem deveriam ser mais reconhecidas e valorizadas e ter registradas suas histórias de vida com a tecelagem. Entendia que aquelas mulheres resguardavam e estavam resgatando técnicas poderosas de manuseio do tecido e faziam isso com carinho e dedicação. Percebia também que essa prática era emancipadora, pois estavam conseguindo atender às suas necessidades financeiras e passavam a ter outra relação com seus afazeres domésticos, com o cuidado dos filhos, do marido e da casa. Tudo isso me motivou a escolher a tecelagem como objeto pesquisa.

Ao entrar em contato com o curso de especialização em Sociobiodiversidade e Sustentabilidade no Cerrado, tive a certeza de que me ajudaria a resgatar a importância daquela experiência da arte e do ofício da tecelagem, até então, adormecida na Chapada dos Veadeiros. A especialização nos aproximou do conceito de sociobiodiversidade e sustentabilidade, dando-nos a oportunidade de demonstrar, conhecer, investigar e tornar público processos e relações sociais, econômicas e culturais que existem na Chapada dos Veadeiros. Assim, este trabalho tem como objetivo registrar a experiência do projeto Tear Itinerante na Chapada dos Veadeiros, tendo como referência a valorização e o reconhecimento da sociobiodiversidade da região, presente na prática da tecelagem.

Ao longo do trabalho, apresento elementos da história da tecelagem na região; aspectos de histórias de vida e memórias de mulheres envolvidas no projeto Tear Itinerante (mulheres “chegantes” e tradicionais). O tear é fonte de tradição, recordação e renda. Nessa perspectiva, este trabalho visa registrar o valor do tear na região da Chapada dos Veadeiros como arte, como ofício, como responsável pelo empoderamento de mulheres e resgate da ancestralidade feminina.

## 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 2.1. Chapada dos Veadeiros: Cerrado, história, povos e comunidades tradicionais

A Chapada dos Veadeiros está situada no bioma Cerrado. O Cerrado ocupa a área central do Brasil e faz conexões com os quatro biomas brasileiros: Amazônia, Caatinga, Mata Atlântica e Pantanal, formando ecótonos, faixas de transição entre cada bioma, onde há variedade de interações entre espécies vegetais e animais, clima, solos e relevos. Reconhecido como a caixa d'água brasileira por abrigar os três maiores aquíferos e a maior parte de nascentes, o Cerrado é caracterizado como Floresta Invertida, por possuir árvores menores, mas com raízes bem maiores, com o objetivo de capturar e distribuir água nas profundezas dos aquíferos (BRASIL/MMA, 2017).

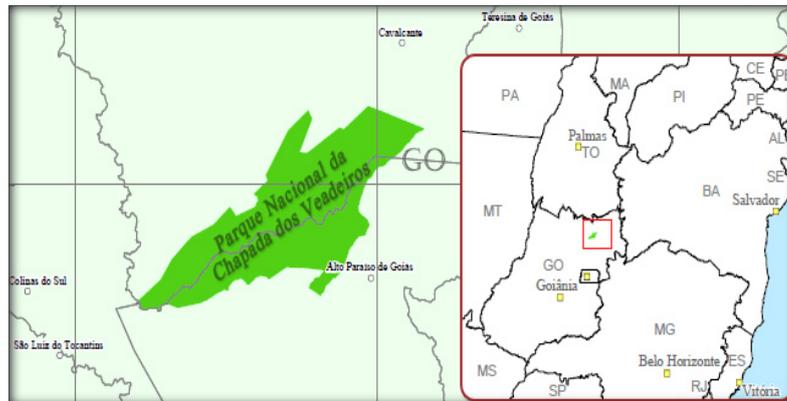
O Cerrado é considerado pelo Ministério do Meio Ambiente (BRASIL/MMA, 2017),

a savana com maior riqueza em biodiversidade do planeta, porém é o segundo bioma brasileiro mais degradado, devido principalmente à exploração massiva do agronegócio, que ameaça a água e a biodiversidade do bioma, por meio de seus sistemas de monoculturas, pastos e uso de agrotóxicos. Além disso, atividades mineradoras, turísticas e a especulação imobiliária contribuem para esse cenário de degradação. (MMA, 2017)

A região da Chapada é conhecida como “berço de águas”, pois nela brotam as nascentes das grandes bacias hidrográficas da América do Sul. Com uma área de 15.267 quilômetros quadrados e uma população total de 47.899 habitantes (IBGE, 2012) seu território abrange sete municípios: Alto Paraíso de Goiás, São João d'Aliança, Colinas do Sul, Cavalcante, Monte Alegre de Goiás, Nova Roma e Teresina de Goiás.

Quase todo o território da Chapada é preservado pela Área de Proteção Ambiental do Pouso Alto, nove Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs) e pelo Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. A confluência de uma série de fatores torna Alto Paraíso um lugar único no cenário nacional e o destino mais procurado da Chapada dos Veadeiros. Suas deslumbrantes belezas naturais somadas à fama de ser um centro de energia cósmica atraem místicos, alternativos, terapeutas holísticos, amantes da natureza, pesquisadores e praticantes de esportes radicais de todos os cantos do mundo (GUIA CHAPADA DOS VEADEIROS, 2013).

Figura 1 – Mapa da região da Chapada dos Veadeiros



Fonte: Guia Chapada dos Veadeiros. Disponível em: <[www.brasil-turismo.com/goiás/chapada-veadeiros-mapa.htm](http://www.brasil-turismo.com/goiás/chapada-veadeiros-mapa.htm)>.

Os primeiros registros de ocupação humana na região da Chapada dos Veadeiros são de tribos indígenas como os Cayapós, os Xavantes e os Guayazes, depois vieram os bandeirantes em busca de ouro e escravos foragidos, dando início ao ciclo da mineração e à formação dos primeiros povoados, como Cavalcante, que surgiu em 1740.

A Chapada dos Veadeiros, assim como todo o nordeste goiano foi durante séculos um lugar isolado e esquecido, tanto pela distância dos centros urbanos quanto pela sua própria geografia, com imensos vales cercados de cadeias de montanha inacessíveis. Tal isolamento histórico manteve durante muito tempo quase intacta o seu maior patrimônio: a cultura tradicional de seu povo.

Em meados do século XVIII, um pequeno núcleo de colonização surge em torno de uma fazenda na região próximo de Cavalcante, que mais tarde se tornaria conhecida como Alto Paraíso de Goiás. Havia ali muitos cervos e bandos de veados. Caçar esses animais era uma prática comum. Eram usados cães farejadores conhecidos como veadeiros e, por isso, o lugar ficou assim chamado. Em Veadeiros, eram produzidos alimentos para atender à demanda gerada pela movimentação em torno das minas de ouro de Cavalcante. Quando as minas se extinguíram, Veadeiros, que já cultivava sementes de trigo trazidas da Bahia por ciganos egípcios, passou a se dedicar à produção do grão. A escassez de mão de obra afetou o cultivo do trigo, encerrando esse ciclo econômico do local (GUIA CHAPADA DOS VEADEIROS, 2013).

No o início do século XX, passou por ali a célebre comissão Cruls e a Coluna Prestes, em 1938. Em 1953, o pequeno distrito de Cavalcante conquistou sua autonomia. Foi nessa época que um grupo esperantista se instalou na fazenda Bona Espero, iniciando o ciclo migratório espiritual e místico para região. Em 1963, a pequena cidade foi batizada de Alto Paraíso de Goiás (GUIA CHAPADA DOS VEADEIROS, 2013).

Nos anos de 1980, o projeto Rumo ao Sol, movido por grupos alternativos fortaleceu o movimento esotérico em Alto Paraíso, ao propor um modelo de vida em comunidade, tendo como fundamentos a alimentação natural, o contato com a natureza, o crescimento espiritual e uma sociedade alternativa. Na década de 1990, ativistas ambientais vieram somar com os místicos, passando a desempenhar papel fundamental na defesa do patrimônio natural e cultural de Alto Paraíso e da Chapada dos Veadeiros (GUIA CHAPADA DOS VEADEIROS, 2013).

Nesse lugar de muita natureza, muitas histórias e experiências encontramos os povos e comunidades tradicionais da Chapada dos Veadeiros. São raizeiros, indígenas, tecelãs, parteiras, benzedeadas, quilombolas, pequenos agricultores que vivem em comunidades rurais e são profundos conhecedores do Cerrado. São povos nativos do Cerrado. O forte vínculo com a riqueza natural da região contribuiu para a formação de seus saberes e fazeres tradicionais (SARAIVA, 2006).

## **2.2. Sociobiodiversidade e a Chapada dos Veadeiros**

A biodiversidade é um elemento central no conhecimento compartilhado pelos povos e comunidades tradicionais (DIEGUES, 1999). Por biodiversidade ou diversidade biológica entende-se a variedade de vida na Terra, refletida na variedade de ecossistemas e de espécies, nos seus processos e interações, bem como na variação genética entre as espécies (CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL, 2010, p. 127). A relação e integração dos povos e comunidades tradicionais da Chapada dos Veadeiros é de harmonia e respeito à biodiversidade do Cerrado.

Os saberes e fazeres tradicionais compartilhados por povos e comunidades tradicionais dizem respeito aos modos de cultivar, de cuidados com a saúde por meio das plantas, de conservar o meio natural, de tecer e fazer artesanato, de conhecer os ciclos naturais (fases da lua, períodos de chuva e seca), conhecimentos sobre a fauna nativa, entre outros aspectos da

cultura associados à variedade de espécies da flora e fauna do Cerrado (SARAIVA et al., 2012)

Saraiva et al., em relação aos conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade, observa que

são conhecimentos coletivos resultantes de trocas culturais entre povos e comunidades, num processo histórico de aprendizagem sobre a natureza do Cerrado, seus ciclos, recursos e usos. [...] A transmissão dos conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade se deu, assim, entre culturas e gerações e na maioria das vezes de forma oral e pelo convívio. (SARAIVA et al., 2012, p. 18)

Da intrincada relação entre povos e comunidades tradicionais e o ambiente natural é que se forma a sociobiodiversidade. Assim, a sociobiodiversidade é parte do acervo cultural e ambiental acumulado, transmitido e compartilhado por povos e comunidades tradicionais. No Cerrado, segundo Saraiva et al. (2012, p. 16), os conhecimentos tradicionais contribuíram não somente para uma maior adaptação ecológica de povos indígenas e comunidades locais, mas também para a coevolução de gentes e natureza.

Muitos desses grupos aprenderam a fazer uso de plantas e animais do Cerrado, atentos às necessidades de reprodução dessas espécies – ou seja, sabendo o tempo, o jeito e a porção certa a colher, pescar ou caçar, de modo a não ameaçar as intrincadas relações entre os elementos que dão sustentação à vida. Povos e comunidades tradicionais também contribuíram para a dispersão de algumas espécies no Cerrado (especialmente plantas) e mesmo para o surgimento de variações de milhos e feijões em suas experimentações com sementes, chamadas crioulas. (SARAIVA et al., p.18)

Na Chapada dos Veadeiros, a sociobiodiversidade está presente nos saberes e fazeres dos povos e comunidades tradicionais, que foram acumulados ao longo de tempo e repassados pelas gerações que ajudaram a formar o território.

A tecelagem, no seu modo tradicional de articular cultura e natureza, também é parte da sociobiodiversidade da Chapada dos Veadeiros. A tecelagem é uma arte, é um ofício da sociobiodiversidade da região, que utiliza a matéria-prima do Cerrado de forma sustentável. É uma prática utilizada pelos antepassados e também pode gerar renda, contribuindo para a sustentabilidade de suas comunidades.

### **2.3. Tecer: um ofício que resiste ao tempo**

A tecelagem manual teve início no período neolítico, 600 anos antes de Cristo, espalhando-se ao redor do mundo, onde cada continente, com suas peculiaridades,

desenvolvia o seu fazer. A tecelagem era rústica, um ofício artesanal de tempos remotos em que o ser humano deixa de se vestir com peles de animais e passar a tecer suas roupas (BRASIL/SEAB, 2018).

No Brasil, a tecelagem está presente desde o início da colonização. Essa prática foi amplamente difundida pelos jesuítas, por fazer parte da catequização dos índios o uso de vestimentas. As peças eram feitas em teares manuais de pedal ou de prego. Uns mais simples e outros mais sofisticados com a utilização do fio de algodão e outras fibras naturais, como buriti e o sisal (SANTOS, 2017).

Os indígenas já cultivavam o algodão e convertiam-no em fios e tecidos. Rinaldo dos Santos, em seu livro *Os Sertaniadas* (2017), afirma que, em 1576, as camas dos índios eram redes tecidas com fios de algodão. Segundo o autor,

em São Paulo, Serafim Leite conta que os jesuítas do Padre Anchieta introduziram e desenvolveram a cultura do algodão para satisfazer suas necessidades de roupas e vestir aos índios. Foi só por meados do Século XVIII, com a Revolução Industrial, que o algodão foi transformado na principal fibra têxtil e no mais importante produto das Américas. (LEITE apud SANTOS, 2016)

Os índios também conheciam outras fibras e dispunham de materiais apropriados à tecelagem e são muitos habilidosos com redes de algodão criadas por fiandeiras e tecelãs indígenas (RIBEIRO, 1987, p.315).

Na segunda metade do século XIX, o algodão ganhou destaque na economia mundial. Seu diferencial se dava sobretudo pela possibilidade de estilização, por sua leveza e proporcionar conforto, pela aparência e rusticidade. O que fez e faz até hoje com que a fibra seja muito apreciada e utilizada na tecelagem.

A tecnologia empregada nos teares com tração a vapor, mais resistentes e também mais caros em comparação aos de ferro, restringia acesso de muitos ao equipamento, condicionando a tecelagem às fábricas, ocasionando uma nova organização social e uma nova contagem dos tempos da primeira Revolução Industrial, marcados tanto pelo relógio como pelo ponto. Devido à necessidade de complementação da renda em casa, muitas mulheres, com outros membros da família, principalmente menores de 16 anos, colaboravam na feitura da tecelagem nas indústrias. Entretanto, isso não fez desaparecer a tecelagem domiciliar (ALVES, 1999, p. 13, 25, 29).

A invenção do tear mecânico a vapor na Inglaterra acarretou a produção industrial em larga escala. Entretanto, a tecelagem manual ainda tinha presença marcante nas casas de família, onde as mulheres exerciam o ofício de tecelãs, provedoras e mantenedoras. As vestimentas passaram a ser consideradas peças de arte de muito valor. Portanto, a confecção de roupas feitas no tear manual era desenvolvida à época por pessoas mais simples e pobres (ALVES, 1999, p. 9-13).

A presença da tecelagem manual como técnica para produção de tecidos é muito antiga no mundo. Apesar da industrialização, ela tem conseguido, em pleno século XXI, se manter como prática ainda muito viva que existe e resiste. No Brasil, povos e comunidades tradicionais ainda fazem uso dessa prática manual tão importante. A indústria poderia tê-la sucumbido por completo, mas muitas iniciativas, projetos e ações estão preocupadas em fomentar essa prática tão rica da ancestralidade feminina. É nesse sentido que este trabalho traz a memória, o resgate desse ofício/arte feito em teares manuais de pente liço e como a tecelagem está presente na vida de mulheres da Chapada dos Veadeiros.

### 3. MATERIAIS E MÉTODOS

Na Chapada dos Veadeiros há uma diversidade de povos e comunidades tradicionais. Para a sistematização da experiência realizada com as mulheres e seus teares, utilizou-se como metodologia a pesquisa qualitativa. Para Muylaert et al. (2014, p. 197) a pesquisa qualitativa se preocupa em capturar um nível de realidade que não pode ser mensurado quantitativamente e defende que a narrativa é a objetivação do pensamento e o pensamento é apreendido em sua forma de relato oral.

A pesquisa foi realizada com sete mulheres tecelãs: duas “chegantes” que vivem em Alto Paraíso e em Cavalcante. Essas “chegantes” vivem na área urbana, mas possuem forte relação com as comunidades tradicionais da região da Chapada. Desenvolvem projetos na região pesquisando e fomentando a prática do tear manual.

As outras tecelãs entrevistadas vivem em áreas rurais do território nas comunidades quilombolas Kalunga: duas mulheres do Engenho 2 (Cavalcante); e três mulheres da Ema (Teresina de Goiás)<sup>5</sup>. As mulheres do meio rural têm como característica o conhecimento tradicional da tecelagem, mas tiveram oportunidade de vivenciar a prática do tear por meio do projeto Tear Itinerante.

As entrevistas foram realizadas no mês de novembro de 2018 e tomaram como referência mulheres que conheciam e/ou trabalhavam com o tear manual e que haviam sido identificadas e/ou participaram do projeto Tear Itinerante, a partir de 2000.

A abordagem foi feita de forma respeitosa, cuidadosa e fundamentada em uma escuta sensível sobre o saber e o fazer da tecelagem. Ao final de cada fala, um cafezinho, uma prosa com as mulheres. A relação com a tecelagem; o que aprenderam com a técnica; o que a tecelagem trouxe em termos de mudança econômica em suas vidas e das comunidades onde residem; a tecelagem e a ancestralidade. A intenção era entender como a cultura do tear estava relacionada com suas vidas. Foram registradas histórias de vida com a tecelagem, matérias-primas utilizadas; como as mulheres se relacionam com essa arte milenar e suas interações e trocas de experiência; como essas mulheres aprenderam ou tiveram contato com essa arte milenar; aspectos sobre produção/renda e empoderamento; e que caminhos gostariam de trilhar com a tecelagem.

---

<sup>5</sup> As comunidades quilombolas do Engenho 2 e da Ema pertencem ao Sítio Histórico e Cultural Kalunga.

As narrativas, construídas a partir de entrevistas, foram registradas em áudio e transcritas. Optou-se por não identificar as mulheres entrevistadas, mas suas falas e seus territórios de fala foram devidamente respeitados. Durante a pesquisa foi realizado registro fotográfico das mulheres e de seus trabalhos de tecelagem, apresentados ao longo desse trabalho.

As hipóteses de pesquisa foram: a tecelagem tradicional de raiz como de suma importância para a geração de renda das comunidades tradicionais; as mulheres envolvidas com a tecelagem alcançaram objetivos, realizaram sonhos e mudaram suas vidas após contato com a tecelagem manual de pente liço; elas se fortaleceram enquanto mantenedoras financeiras de seus lares por meio da renda advinda com a venda de suas peças.

### **3.1. Mulheres participantes da pesquisa e suas comunidades**

Alto Paraíso tem uma diversidade de culturas, muitos moradores chegam a todo instante à procura de uma vida mais tranquila, do contato com a natureza e a cultura do bem-estar. Os “chegantes” convivem com a cultura tradicional dos povos e da comunidade da região. Alto Paraíso é uma cidade cuja maior parte da renda vem do turismo, atividade explorada a partir de suas belezas naturais únicas e do misticismo que a envolve (GUIA CHAPADA DOS VEADEIROS, 2013). Nas comunidades rurais próximas a Alto Paraíso, ainda há muitos registros da tecelagem tradicional manual.

Em Alto Paraíso de Goiás, foi entrevistada uma tecelã “chegante” (Veet), que chegou à cidade e tomou contato com a tecelagem como parte do projeto Tear Itinerante. Praticou e fortaleceu a arte e ofício da tecelagem junto com outras mulheres.

Cavalcante, cidade remanescente do tempo do ouro, ainda preserva um modo de vida tradicional e é cercada pelas comunidades quilombolas Kalunga. Ali, foi entrevistada também uma “chegante” na Chapada dos Veadeiros, que, ao ter contato com a tecelagem, passou a desenvolver o ofício como profissão (Daniela).

Nas comunidades tradicionais da Chapada, temos a comunidade quilombola da Ema, que se situa a quinze quilômetros da cidade de Teresina de Goiás. Essa comunidade carrega fortes tradições e laços com o passado. Infelizmente, as condições climáticas têm afetado em grande parte as pequenas lavouras de subsistência que a alimentam, obrigando as mulheres a

cada vez mais terem que dividir o tempo entre os afazeres na roça e a busca por melhores condições de vida na cidade, como observou uma das fiandeiras entrevistadas na comunidade.

Na Ema, foram entrevistadas três mulheres, duas têm filhos e uma delas é solteira. Aprenderam o tear com suas mães e também participaram do projeto Tear Itinerante (Maria Teresa).

Outro aspecto registrado na comunidade “que tem tirado o sossego” é a falta de água. Rios, contaminados pelas fezes de gado de fazendeiros que fazem divisa com a comunidade, têm afetado os ritos do dia a dia. Afinal, “o rio é a alma do lugar”. A comunidade utiliza as águas do rio para beber, tomar banho e lavar roupas, pois não são todas as casas que têm água potável. Na Ema, a comunidade tem forte relação com as plantas e, nas casas, é possível identificar “farmácias” plantadas ao redor. Ali, produz-se e são repassados conhecimentos sobre curas vindas dos remédios do Cerrado.

Na comunidade Kalunga do Engenho 2, em Cavalcante, a vida é tradicional, mas muito movida pelo turismo. Nos últimos dez anos, a visitação turística nos atrativos naturais da localidade tem gerado renda para comunidade, que está organizada por meio da Associação Kalunga do Engenho 2. Nessa comunidade, foram entrevistadas duas mulheres. São mulheres rurais, quilombolas, com filhos adultos e outros ainda jovens. Essas, por sua vez, tiveram contato/ resgate com a tecelagem por meio da capacitação ministrada por Maria Teresa, professora da UFG, que realizava um trabalho de campo nessa comunidade em 2012. Posteriormente, foi também a doadora dos teares de pente liço.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

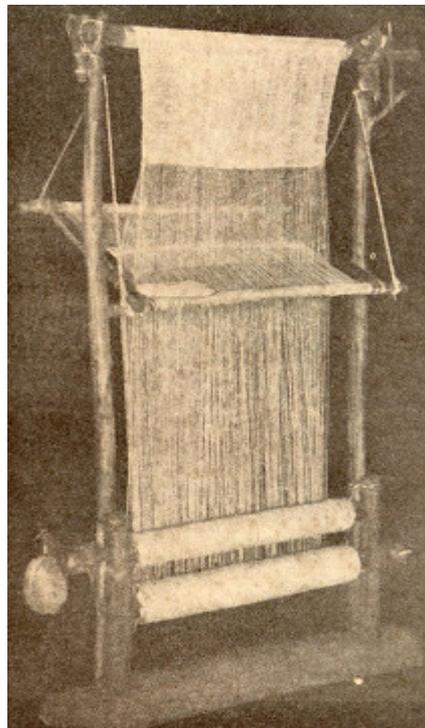
### 4.1. Tecelagem tradicional na Chapada dos Veadeiros

A tecelagem é uma técnica e arte milenar que sempre esteve na vida das comunidades e dos povos tradicionais. É uma expressão da prática cultural de um povo, que se manifesta nas tradições e é compartilhada entre as gerações. Quando falamos de tecelagem tradicional na Chapada dos Veadeiros, reconhecemo-la como arte, saber e ofício. Trata-se de patrimônio cultural de comunidades tradicionais daquele território.

Na Chapada dos Veadeiros, as mulheres entrevistadas relataram o saber tradicional da tecelagem como indispensável para a produção de roupas nos tempos antigos do quilombo. Faziam uso de técnicas e conhecimentos sobre a tecelagem repassados por seus antepassados. Na Ema e no Engenho 2, as mulheres tecelãs tecem, fiam e dão cores às suas próprias vidas por meio das meadas de fios do tear como parte de um saber repassado entre as gerações.

A Figura 2 traz o tear de pedal, descrito pelas entrevistadas como o modelo utilizado por suas ancestrais nos tempos passados e que, atualmente, “estão ficando encostados”.

Figura 2 – Tear de pedal



Fonte: [www.artevivatear.com.br](http://www.artevivatear.com.br).

O tear de prego (Figura 3) é o modelo mais utilizado por ser de fácil manuseio, “servindo como descanso do outro”. Esse tipo de tear é utilizado para produzir peças como tapetes e capas de almofadas.

Figura 3 – Tear de prego



Fonte: [www.artesanatobrasil.net](http://www.artesanatobrasil.net)

Elas também utilizam o tear de pente liço (Figura 4) ou de mesa (Figura 5).

Figura 4 – Tear de pente liço



Fonte: Arlethe Santos.

Figura 5 – D. Tereza, tecelã da Chapada dos Veadeiros e o tear de mesa.



Fonte: Arlethe Santos.

Uma das entrevistadas do Engenho 2 relatou que, desde sua mocidade, compartilhava dos momentos integrados de plantar algodão, cardar, tingir e fiar, para depois tecer os panos que seriam transformados em roupas, redes e mantas de cobrir. Ela fazia uma “tecelagem de raiz”, que é o processo que se inicia desde plantar o algodão; cardar, processo de separação dos caroços, que são as sementes (sementes crioulas); o processo de fiação, que pode ser em fuso (ferramenta que lembra um peão de brinquedo em formato de esfera em uma ponta e a outra em formato pontiagudo) ou mais frequentemente na roda, também chamada de roca de fiar. Nessa técnica, os fios são tingidos com pigmentação natural de plantas do Cerrado. A produção de panos é feita em várias modalidades de teares tradicionais manual, em que os mais conhecidos e utilizados na região são denominados de teares de mesa, mesa pente liço, pente liço, e várias modalidades de teares de pedal.

A tecelagem tradicional era feita de fios de algodão de sementes crioulas produzidas na comunidade e com fibras naturais de palmeiras, em especial, o buriti e a bananeira, com as sedas, palhas e taletas. Uma das tecelãs mais velhas, relatou que “são poucas as mulheres que ainda fiam e tingem, mas gostam muito das embiras do olho do buriti, das quais derivam as sedas. Esse tipo de material cria variedades de texturas e formas às peças produzidas.”

#### **4.2. O tear de pente liço e o resgate da tecelagem**

Existem diversos tipos de teares utilizados na Chapada dos Veadeiros, como teares de pedal, de mesa, de prego, chilenos ou arco. Foi no tear tradicional manual de pente liço que o trabalho de resgate da tecelagem foi realizado com mulheres de Alto Paraíso e nas comunidades quilombolas do Engenho 2 e da Ema (Teresina de Goiás), por meio do projeto Tear Itinerante.

Nos teares tradicionais manuais de pente liço, podem ser exploradas a aplicação de pontos com e sem alto relevo, à mão ou nas navetes, também chamadas de lançadeiras. São encontrados teares com tamanhos variados de 40 cm, 60 cm, 80 cm, 1 metro e de 1,5 metros. A escolha de tamanho depende da peça e do tamanho do tecido que se deseja tecer. São compostos de cavaletes laterais, unidos por suportes lisos de ferro que sustentam os pentes para urdir e tramar os fios. Acompanhados de três pentes, cada pente com um espaçamento direcionado ao resultado que se quer atingir do tecido: simples ou fino (1.1 cm); médio (2.1 cm) e o grosso (de 2.2 cm de distância entre o orifício que recebe o fio para urdidura). O tamanho do tecido varia de acordo com o tamanho do tear e do batedor, que serve para ajustes

de folga ou prensas de fios da trama. O grande dispositivo de criatividade está no descer ou subir do pente, carregado de fios da urdidura, causando um espaço chamado de cavidade na trama.

No ano 2000, por meio de projeto Tear Itinerante, um grupo de vinte mulheres de Alto Paraíso uniu-se a mulheres das áreas rural em um projeto de resgate da arte no tear manual de pente liço. Mulheres “chegantes” e tradicionais foram ressignificando suas vidas, criando e recriando peças, histórias e memórias nas tramas dos teares. O encontro de mulheres na imersão de suas vidas fez com que redescobrissem na arte da tecelagem um caminho de liberdade, criatividade, renda, identidade cultural e pertencimento.

Figura 6 – Tecelã Veet Maia, do projeto Tear Itinerante



Fonte: Arlethe Santos.

Em relação à tecelagem e a seus procedimentos básicos, para tecer uma peça em um tear de pente liço, é necessário primeiro ter as definições de tamanho da peça que se pretende fazer. Definido o tamanho, define-se também o tear. Entre os tamanhos mais comuns de teares da Arte Viva, fabricante de Santa Catarina desses modelos, é possível encontrar teares nos tamanhos de 40 cm a 1 metro.

Após medir um fio com uma fita métrica na urdidura, considerando a perda de fios de que seda tanto na largura como no comprimento, esse fio servirá de base para os outros. A quantidade de fios dependerá do espaçamento do pente. Se for um pente fino, a medida será um por um, caso seja um pente médio 2 por 2. É importante o uso de fios fortes na urdidura, posição vertical, pois ela será movimentada e tracionada do início ao fim do processo.

Figura 7 – Urdidura



Fonte: Arlethe Santos.

Com o a utilização de uma agulha de crochê de número 1,5, tamanho que pode ser utilizado em todos os pentes (finos, médios ou grossos), faz-se o auxílio da entrada dos fios nos orifícios do pente. Fio por fio são colocados. Ao fim desse processo, todos os fios devem ser conferidos pontas com pontas, verificando as medidas, para que não haja nenhuma ponta maior que a outra.

No último passo da urdidura, enrola-se os fios com o movimento das catracas para dentro. Após esse movimento, prende-se as pontas que serão os acabamentos das peças no final da tecelagem. O ato de tecer se dará na trama, entre as calas que se formam no movimento do pente, que sobe e desce, fechando e entrelaçando os fios da urdidura. O movimento é feito após a passada da navete na trama na posição horizontal. Cada vez que a navete passa pela cavidade, a cala, o pente que fica suspenso desce ou sobe. O ato de tecer se faz sentado, porém a urdidura se faz em pé.

Figura 8 – Detalhes da trama no pente fino



Fonte: Arlethe Santos.

Geralmente, os fios de algodão artesanal, produzido localmente por mulheres das comunidades tradicionais da Chapada, as Kalungas, não têm muita resistência na urdidura. No entanto, o efeito que dão às peças na trama torna o produto diferenciado, com originalidade e rusticidade única.

O fio sem tingimento, cru, ao passar pelo processo de tingimento, dependendo da maneira como foi fiado, tem resistência considerável, diminuindo a quebra dos fios durante a tecitura. Pelo tamanho do tear e considerando a cavidade existente na trama, podem ser utilizadas como matéria-prima do tear de pente liço outras fibras, como a seda de buriti, da bananeira e caules finos de arbustos encontrados no Cerrado.

Atualmente, é bem restrita a quantidade de pessoas na Chapada dos Veadeiros que ainda faz a fiação em roda e fuso. Entre as entrevistadas, identificamos apenas uma, na comunidade Ema, que ainda desenvolve essa prática, resistindo. Ela é uma autêntica Kalunga que nasceu e cresceu vendo avó, mãe e tias fiando, tingindo e tecendo; e assim foi passando para seus filhos. Ela usa seu tear com grandes variedades de fios, texturas e cores a partir do algodão plantado, cardado e tingido por ela e suas filhas. As cores mais vibrantes são advindas de plantas, cascas raízes do Cerrado e sementes crioulas verdes e marrons. Nas roças mantidas pelas das mulheres da Ema, não falta o cultivo do algodão.

O projeto Tear Itinerante estimulou a tecelagem entre as mulheres da Ema. Saber tradicional vivo, que foi ainda mais estimulado com a participação das mulheres das comunidades tradicionais Kalunga.

As mulheres tecelãs participaram de muitos eventos na Chapada dos Veadeiros e em outros lugares onde tiveram oportunidade de vender seus produtos. Com o tempo, foram variando os usos dos teares e também fazem uso do tear de prego para fazer tapetes de retalho. Uma tecelã registrou que “sua vida não teria sentido se não fossem a fiação e a tecelagem. Se estou cansada, é lá (no tear) que vou descansar. Se estiver disposta, é lá que vou trabalhar”. Ela tem dois teares de 80 centímetros, mas ainda guarda as rodas. “Se Deus me ajudar, vou fazer no fundo de casa um puxadinho, que será meu ateliê. Nele, só vai ficar meus materiais e os teares”, relatou sorrindo.

As mulheres também fazem uso de fios industrializados (sintéticos), de linho, seda, lã ou outros que se somam aos de puro algodão plantados nos seus quintais e roças. Também fazem uso de sedas de buriti (símbolo das águas no Cerrado) e de outras palmeiras. Durante as entrevistas, muitas mulheres falaram com entusiasmo e dedicação da fiação e da tecelagem. Sacos de novelos de linhas de diversos tamanhos foram despejados sobre o chão da casa de uma das entrevistadas, que relatou: “Fiz tudo isso em duas semanas”. O tear, a tecelagem é uma marca de força e de empoderamento daquelas mulheres. Representam a sociobiodiversidade do Cerrado na Chapada dos Veadeiros.

As mulheres rurais quilombolas, diante de uma vida difícil, de pouco reconhecimento dos afazeres domésticos e da ansiedade gerada pela sobrecarga do dia a dia, vivendo em lugares com pouca oferta de emprego, viram no tear a possibilidade de complementação da renda familiar e foram, com solidariedade e amizade, por meio de um curso de tecelagem, redescobrando possibilidades no curso do tear de pente liço.

Nesse curso, além dos conhecimentos e das técnicas básicas para o manuseio e a produção de panos, eram compartilhadas memórias e vivências da cultura tradicional da Chapada. Produziram peças de arte em painéis e acessórios femininos e masculinos, como tiaras de cabelo, caminhos de mesa, mantas, bolsas, cachecóis, echarpes e outros tantos artigos. Com essas peças, foram realizadas exposições, nas quais ocorriam vendas.

Nas casas de algumas tecelãs, ocorreram diversos encontros especiais com muita troca de informações e aprendizagem sobre o uso dos teares, os tecidos, variedade de pontos,

mistura e textura de urdiduras e tramas. Os saberes e fazeres eram compartilhados de forma interativa, ao mesmo tempo em que iam fortalecendo e empoderando as tecelãs.

Essa iniciativa criou uma forte ligação com as quilombolas Kalunga do Engenho 2 e da comunidade Ema. Foram nessas comunidades que aconteceram os primeiros contatos com os fios de algodão fiados por elas, dando um “toque especial e de identidade” às peças tecidas. Essa interação fomentou a compra de fios e a apresentação do tear de pente liço.

Esse momento também permitiu que a arte da tecelagem fosse resgatada pelas Kalunga mais jovens, aproximando-as dos saberes das matriarcas, “que há tempos estava apenas em suas memórias”. Por meio dessa experiência, as mais velhas puderam reviver o tempo em que todas as roupas utilizadas pelo seu povo eram fabricadas em gigantescos teares de pedal, com fios de algodão plantados, cardados, fiados e tingidos por suas mães, avós, bisavós.

Nos anos de 2002 e 2003, os trabalhos começaram a ter uma ampla repercussão local e regional, sendo expostos e comercializados em diversos eventos como festas e feiras na Chapada dos Veadeiros e em outros municípios do estado de Goiás. Foram feitos produtos artísticos com iconografia, evidenciando a identidade do artesanato local, fortalecendo e promovendo a cultura tradicional.

Nas casas Kalunga, era comum ver os enormes teares de pedal que pertenciam às matriarcas, que, sem forças nas pernas para tecer, devido à idade avançada, não teciam mais. Ainda assim, mantinham a prática de fazer os novelos de linhas de algodão crus e outros com tingimento de pigmentação natural de folhas e raízes do Cerrado pendurados nas paredes.

O projeto do tear de pente liço deu um novo estímulo para que mulheres quilombolas do Engenho 2 e da comunidade Ema conhecessem um modelo mais simplificado, mais leve e de manuseio mais acessível para resgatarem a técnica da tecelagem e voltarem a tecer. Em 2010, tecelãs das comunidades Ema e Engenho 2 tiveram novo estímulo com a doação de teares feita pela fábrica Arte Viva, de Florianópolis (Santa Catarina)<sup>6</sup>. Mulheres jovens e mais velhas nas duas comunidades tiveram contato com o tear de pente liço, estimulando o despertar da técnica e da arte da tecelagem. A tecelagem foi assim se tornando um ofício que lhes trouxe uma nova perspectiva de vida com rentabilidade e sustentabilidade.

---

<sup>6</sup> Os teares foram doados a partir do projeto de Maria Teresa Gomes da Silva, professora da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Nas comunidades Kalunga, em virtude da baixa produtividade da lavoura de subsistência, do êxodo rural e da ausência de trabalho, a tecelagem permitiu o resgate da técnica de tecer, criando ao mesmo tempo possibilidades de gerar renda e de poderem trabalhar com a arte e o prazer da tecelagem.

O trabalho com o tear de pente liço capacitou não somente jovens, mas também matriarcas da comunidade do Engenho 2. Além disso, permitiu resgatar o que elas já conheciam bem, mas de maneira mais fácil. Segundo a tecelã matriarca dessa comunidade, “a dificuldade de tecer com o tear de pedal estava na urdidura: não urdia sozinha, precisava de alguém para ajudar na contagem de medida dos fios, já que isso se dava nos dedos. Mas, de resto, já tinha intimidade com o tear e com a tecelagem ensinada por minha avó, mãe e tias”. Ao trabalhar com o tear de pente liço, ela se encarregou de passar a técnica para outras mulheres da comunidade, estimulando o ofício da tecelagem.

Algumas relatam que o projeto da tecelagem foi um sucesso e teve impactos positivos na vida de seus familiares. Com o trabalho resultante da tecelagem foi mais fácil terminar de educar os filhos, com a venda das peças produzidas. As tecelãs vendiam seus produtos na cidade e em locais voltados para o turismo, como na loja que fica na sede da Associação Kalunga do Engenho 2. Muitas conseguiram reformar suas casas, trocar o telhado, encher a despensa de alimentos, comprar bicicleta para as crianças. A prática da tecelagem com o pente liço, mais fácil de manusear e mais acessível, abriu portas para as mais velhas e para as mais jovens, “que entraram de cabeça no velho novo ofício”.

As dificuldades nos teares antigos de pedal foram relatadas: “o manuseio do tear moderno dá mais facilidade na urdidura. Nos tradicionais, as mulheres depois de um tempo não conseguiam exercer a atividade: a coluna e as cadeiras travavam após tecer em pé com os movimentos constantes nas pernas” nos teares de pedal.

A autonomia financeira é trazida com orgulho pelas tecelãs: “Muitas, com maridos alcoolizados que foram embora de casa, deixando nenhuma renda, e mais de quatro filhos, encontraram na tecelagem a esperança para sobreviver”. O saber que se transformou em ofício e renda permitiu trazer lembranças de que pais e mães também fiavam. “Meus pais tinham uma paixão por todo procedimento da tecelagem. Minha mãe trabalhava durante o dia na roça e à noite era reservada para fiar no fuso os cobertores”. A memória das variedades de texturas do algodão “alguns mais finos e outros mais macios e frágeis” foram trazidas com

emoção. Roupas com vida e com muita produção foram lembradas, como vestidos, camisas, do embornal<sup>7</sup>, cochinius<sup>8</sup>.

A tecelagem se fortaleceu como parte da renda complementar das comunidades tradicionais. Entretanto, umas das entrevistadas do Engenho 2 ressalta: “as mulheres que teciam e tecem já não fazem mais com aquele compromisso e necessidade de antes, devido à renda que vem do turismo. São muitas as que viraram guias, condutoras dos visitantes. Mas a tecelagem e o turismo, um abastece o outro. Em resumo foi uma soma”.

Algumas reforçam como foi importante a tecelagem e que gostariam muito de se reciclar. “Seria de muito bom proveito se a gente tivesse a oportunidade de reciclar. Conhecer pontos diferentes da tecelagem.” Também fala da ausência de assistência técnica que, de certa forma, é improvisada pelas tecelãs quando ocorre algum problema com o tear.

Como tantas outras tecelãs da comunidade Engenho 2, uma tecelã registrou que já tinha ouvido falar na tecelagem por meio de sua avó já falecida. “Mas tecer mesmo, para valer, só foi possível com a doação dos teares e a capacitação fornecida por outras artesãs”. A relação da tecelã com o seu tear é de agradecimento. “Ganhar uma máquina de tanta utilidade e que trouxe sustento com a venda de suas peças para os turistas”. Ela tece esteiras, caminho de mesa, bolsas e jogos americanos. Segundo ela, “o dinheiro é abençoado: no momento em que mais se precisa, ele chega”.

Mesmo sendo um trabalho que requer concentração e esforço, a relação com o tempo do tecer e o significado da tecelagem também foi trazida pelas tecelãs como “tempo de prazer e descanso”. O trabalho é levado a sério e com prazer: “Ao terminar os afazeres domésticos, despacho as crianças para a escola e sento-me à frente de meu tear para descansar a mente, as pernas e criar”. O fato de utilizarem fibras e taletas naturais do Cerrado, como o buriti, dá sustentabilidade e criatividade ao que produzem. A matéria-prima é tirada dali mesmo do local onde moram.

Tecelãs do Engenho 2 relatam que a vida com a tecelagem ganhou novo sentido: “autonomia financeira e oportunidade de enxergar outras possibilidades de fontes de renda, mais amor e respeito pelas artes tradicionais dos antepassados”, relata uma das entrevistadas.

---

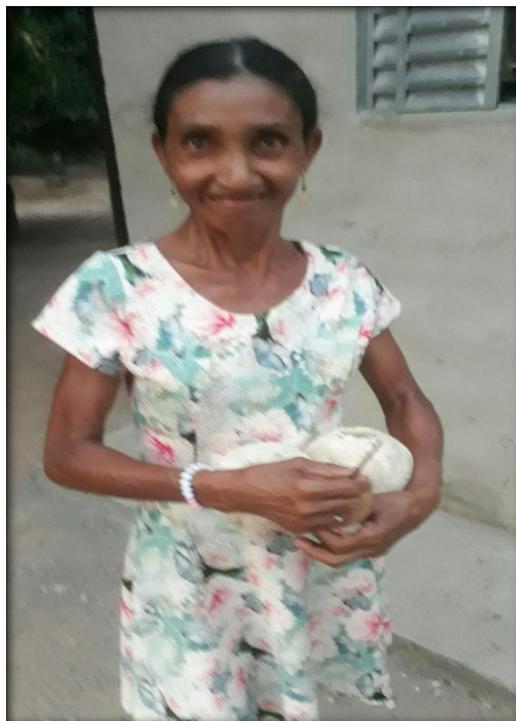
<sup>7</sup> Saco de tecido que serve para carregar a comida das cavalgadas.

<sup>8</sup> É um tecido feito em tear de prego, com pontas soltas, grosso e macio colocado nos arreios dos cavalos para afogar a montaria.

“Espero poder ganhar mais dinheiro, mesmo com meu tempo limitado para tecer, devido à minha coluna”. A necessidade de mais assistência técnica e capacitação também foi salientada pela tecelã.

O tear para muitas delas “é como um filho”. Elas têm reverência pela arte e o ofício que criam e produzem. Para muitas mulheres, o tear também tem efeito terapêutico: “quando estou muito nervosa ou angustiada com algo, é no tear que a calma vem”.

Figura 9 – Maria, tecelã da Chapada dos Veadeiros



Fonte: Arlethe Santos.

Das cinco mulheres entrevistadas, há respostas comuns a todas em pontos que definem a tecelagem, como descanso mental, ponto de equilíbrio entre arte e profissão. No entanto, entre as mulheres Calungas, todas ressaltaram a tecelagem primeiramente como uma técnica ancestral, feita por membros da família quando crianças, mas que elas só resgataram pela necessidade de gerar renda.

### 4.3. Tecelagem e sustentabilidade na Chapada dos Veadeiros

A tecelagem na Chapada dos Veadeiros tem novas abordagens a partir do trabalho das “chegantes” que também contribuem para a manter viva a tecelagem manual, como fonte de renda, como empoderamento feminino, ancestralidade, e por meio do “poder terapêutico cromoterápico”, como afirma uma das tecelãs de Alto Paraíso.

Uma delas conheceu o ofício na Chapada dos Veadeiros: “me encantei e nunca mais parei de tecer.” Trocas de experiências, vivências e imaginação; nunca faltar amparo às jovens tecelãs. Além do gosto de aprender a fazer, o tear tornou possível se profissionalizar e obter renda.

A “reconexão com a ancestralidade, com o sagrado feminino” é outro argumento trazido pelas mulheres artesãs de Alto Paraíso entrevistadas: “estar com outras mulheres, em harmonia, é um aprendizado constante. Outro momento especial é a escolha das linhas, sejam sintéticas ou produzidas a partir de sementes crioulas das comunidades tradicionais, matéria-prima do Cerrado.” Para essas mulheres, “a arte da tecelagem é uma forma de unir as mulheres em um movimento libertador e sem opressão, podendo ser feito no tempo da mulher, na sua lógica, em sua casa e sem patrão”.

Uma delas relata como se aproximou da tecelagem ao chegar na Chapada dos Veadeiros para fazer um curso: “sempre fui autodidata, gostei de ler, pintar, desenhar, fazer todo tipo de arte. Assim foi com o tear. Sempre me encantei pelo tear, pelo fato de ser um trabalho bonito; sempre quis fazer novos desenhos, criar painéis de parede.” Segundo essa tecelã: “toda pessoa tem um dom artístico”. Ela também trata a tecelagem como arte: “as coisas vão surgindo, vão se criando e eu vou fazendo” e também como meditação: “sentar ali e esquecer-se do mundo, aquela coisa de sentir a mulher dentro de si trabalhando, fazendo, criando”.

O encontro com as formas tradicionais de tecer e materiais do Cerrado também é registrado por tecelãs de Alto Paraíso: “uso nas minhas peças fios industrializados, mas também algumas fibras naturais do Cerrado, como taboquinha, coquinho para detalhes e suportes dos quadros que faço”. A fauna e a flora da Chapada também aparecem em suas produções de tecelagem.

O grupo das tecelãs de Alto Paraíso utilizam misturas de material: as fibras do buriti, da bananeira, do sisal, até pedaços de retalhos de várias texturas de tecido aparecem entre seus materiais de tecelagem. Cada uma deixa em suas peças sua arte, criatividade e originalidade.

Cada comunidade que teve seu contato com esses teares foi formando em sua localidade grupos de mulheres (alguns homens) e jovens interessados no ofício. O contato na comunidade da Ema se dava muito mais pela comercialização dos fios de algodão.

A valorização da sociobiodiversidade está relacionada a princípios do Bem Viver. Para Acosta (apud GUDYNAS, 2017), o Bem Viver se apoia na cosmovisão dos povos indígenas e na luta por melhores condições sociais como categoria em permanente construção e reprodução.

David Choquehuanca (apud GUDYNAS, 2017) enfatiza a recuperação e valorização do modo de viver dos povos tradicionais, a vida, em completa harmonia e respeito mútuo com a mãe natureza, a Pachamama. Para ele, tudo é natureza, nada está separado. Tanto Acosta quanto Choquehuanca entendem que precisa haver um questionamento às ideias contemporâneas de desenvolvimento baseadas em um crescimento econômico que desrespeita Pachamama e que é incapaz de resolver a pobreza e causa danos ao meio ambiente.

A construção do Bem Viver está relacionada a uma resposta adequada para a sociobiodiversidade, voltada para sua valorização e reconhecimento. A Chapada dos Veadeiros ainda é palco de uma grande diversidade de povos nativos, remanescentes indígenas e quilombolas, que vivem em meio à biodiversidade única do Cerrado. O projeto Tear Itinerante abriu muitas portas para a sustentabilidade sociocultural do território. Por meio da tecelagem, mulheres tradicionais e “chegantes” puderam realizar um encontro de reciprocidade. Este caminho ainda continua sendo trilhado a partir de outras experiências de mulheres, como o projeto Teia do Cerrado, do Ponto de Cultura Cavaleiro de Jorge, na Vila São Jorge, em Alto Paraíso de Goiás. Esse projeto atualmente tem uma parceria com o projeto Tear Itinerante para divulgar e comercializar peças que são confeccionadas a partir do material produzido pelas mulheres do projeto.

O projeto Tear Itinerante é um exemplo para que outros projetos voltados à sustentabilidade possam ser desenvolvidos, de forma colaborativa, na Chapada. Não é um projeto voltado só para o passado, mas também para gerações futuras. Foi construído para o fortalecimento da economia solidária, para um turismo sustentável, para o empoderamento de

mulheres e sua ancestralidade. Com sua força, demonstrou que a valorização do Cerrado e de sua sociobiodiversidade é uma construção possível.

Figura 10 – Daniela, tecelã da Chapada dos Veadeiros



Fonte: Arlethe Santos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo mostrar como a tecelagem manual, arte e ofício, tão antiga no mundo, tem conseguido sobreviver e resistir na Chapada dos Veadeiros, Goiás. Trouxe o resgate de memórias dessa arte/ofício feita em teares manuais de pente liço e como a tecelagem foi marcante na vida de mulheres da Chapada dos Veadeiros.

A pesquisa tornou possível perceber que as mulheres que participaram do projeto Tear Itinerante trazem consigo respeito, admiração e valorização do trabalho da tecelagem, e que estão unidas pela tradição e pela memória da tecelagem na Chapada dos Veadeiros.

Acima de tudo, são mulheres guerreiras, que, imbuídas consciente ou inconscientemente da força feminina, levam suas vidas na emoção de criar, fazer, ensinar e repassar o que aprenderam com suas mães e avós. Querem crescer, ser mulheres com liberdade e autonomia. Teceram e tecem suas vidas nas tramas do tear de pente liço e do tear da vida. Ganham e mantêm, muitas vezes, sozinhas seus lares, filhos e maridos. Foram se empoderando com a tecelagem e não abandonam suas histórias e tradições. Desejam que as futuras gerações possam dar continuidade ao ofício, à arte, como forma de fortalecer esse saber/fazer de raízes cerratenses.

Espero que este memorial possa contribuir para a abertura de um novo olhar sobre os conhecimentos e as técnicas tradicionais que envolvem a arte e a cultura dos povos e das comunidades na região da Chapada dos Veadeiros.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Jorge Fernandes. **Fiar e tecer. Uma perspectiva histórica da indústria têxtil a partir do Vale do Ave.** Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal, 1999.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/arraias/historico>>. Acesso em: 07 mai. 2018.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/alto-paraiso-de-goias/panorama>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. COBIO – Coordenadoria da Biodiversidade NUPAUB-Núcleo de Pesquisas sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras – Universidade de São Paulo. **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil.** DIEGUES, Antônio Carlos. 1999.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Bioma Cerrado.** Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/biomas/cerrado>>. Acesso em: nov. 2017.

BRASIL. Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Paraná. Disponível em: <http://www.agricultura.pr.gov.br>. Acesso em: 29 mai. 2018.

BRASIL. Secretaria de Estado da Mulher, do Desenvolvimento Social, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos. **Comunidade Quilombola Kalunga.** Disponível em: <<http://www.secretariacidadada.go.gov.br/index.php/comunidade-quilombola-kalunga>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL. **Investigando a biodiversidade: guia de apoio aos educadores do Brasil.** Belo Horizonte, Brasília: Conservação Internacional; Instituto Supereco; WWF-Brasil, 2010.

GUDYNAS, Eduardo. **Bem-viver.** Germinando alternativas ao crescimento. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=1837823>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

GUIA CHAPADA DOS VEADEIROS. Disponível em: <<https://www.aredacao.com.br/noite-e-dia/30446/guia-chapada-dos-veadeiros-e-lancado-em-prestigiado-coquetel-no-niemeyer>>. Acesso em: 22 jun. 2013.

MOURA, Glória (Coord). **Uma história do povo Kalunga.** Brasília DF: MEC/Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

MUYLAERT, Camila Junqueira et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v, 48, n. spe 2, p. 184-189, 2014.

SANTOS, Reinaldo dos, **Os Sertaniadas de 1500 a 1900: 500 anos de Hipocrisia na História do Brasil / Rinaldo dos Santos.** – 1. Ed. – Porto Alegre: Revolução e Book, 2017.

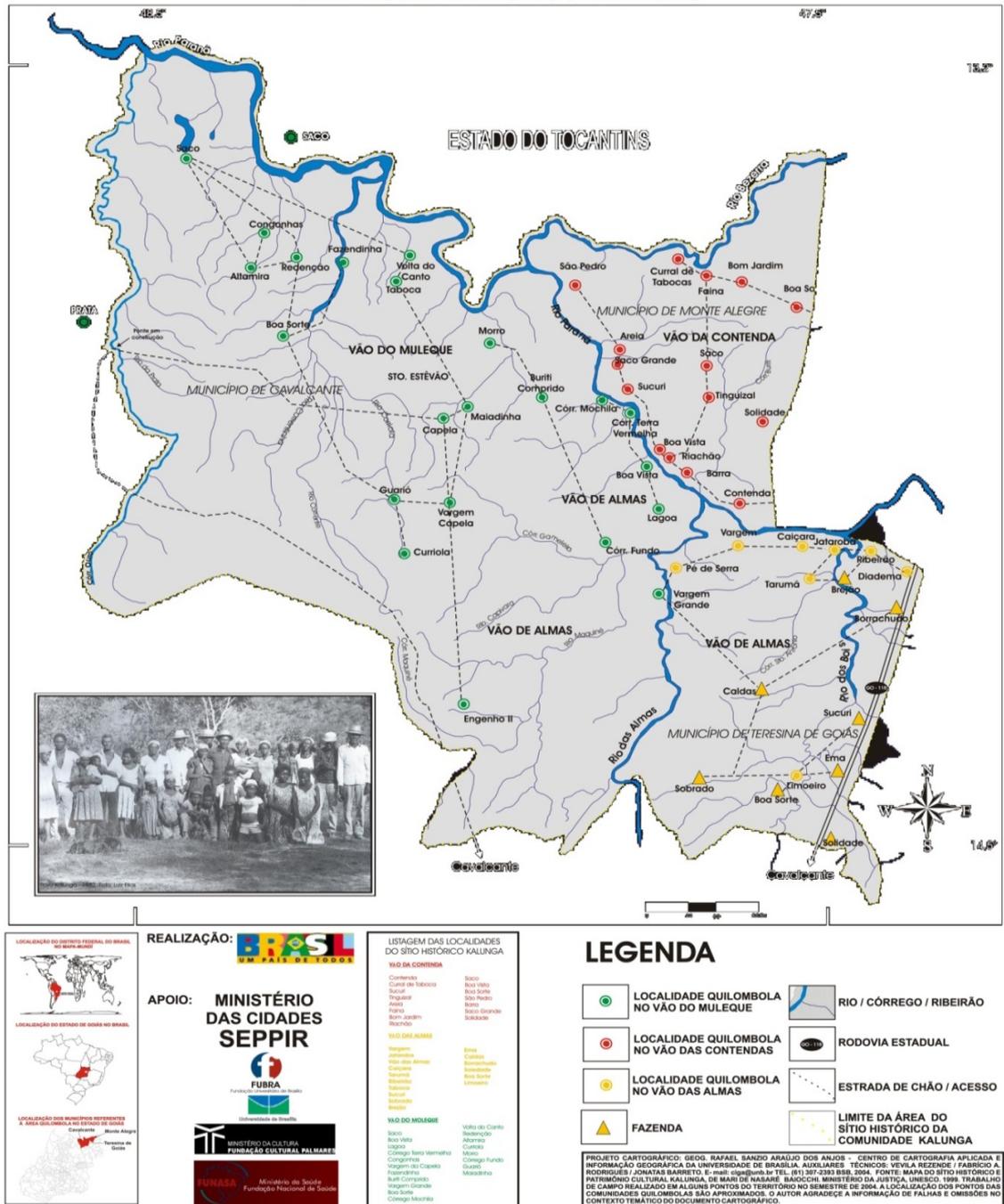
SARAIVA, Regina C.F.; NOGUEIRA, Mônica C.R.; CRUZ, Tânia C.S.; RIVERA, Rafael de. **Saberes e fazeres tradicionais do Cerrado**: sabão de tingui (*Magoniapubescens*). Universidade de Brasília: Decanato de Extensão, Brasília: 2012.

SARAIVA, Regina Coelly F. Saraiva. **Tradição e sustentabilidade**: um estudo dos saberes e fazeres tradicionais do cerrado na Chapada dos Veadeiros – Vila São Jorge. Tese de Doutorado. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília, 2006.

ANEXOS

Anexo 1: Mapa dos Sítio Histórico e Cultural Kalunga – GO

SÍTIO HISTÓRICO E CULTURAL DO REMANESCENTE DE QUILOMBO KALUNGA - GO. - MAPA GERAL DAS LOCALIDADES -



Fonte: ARAÚJO, Rafael Sânzio. Projeto Cartográfico – Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográfica da Universidade de Brasília.

## Anexo 2: Algodão no tear de pente liço



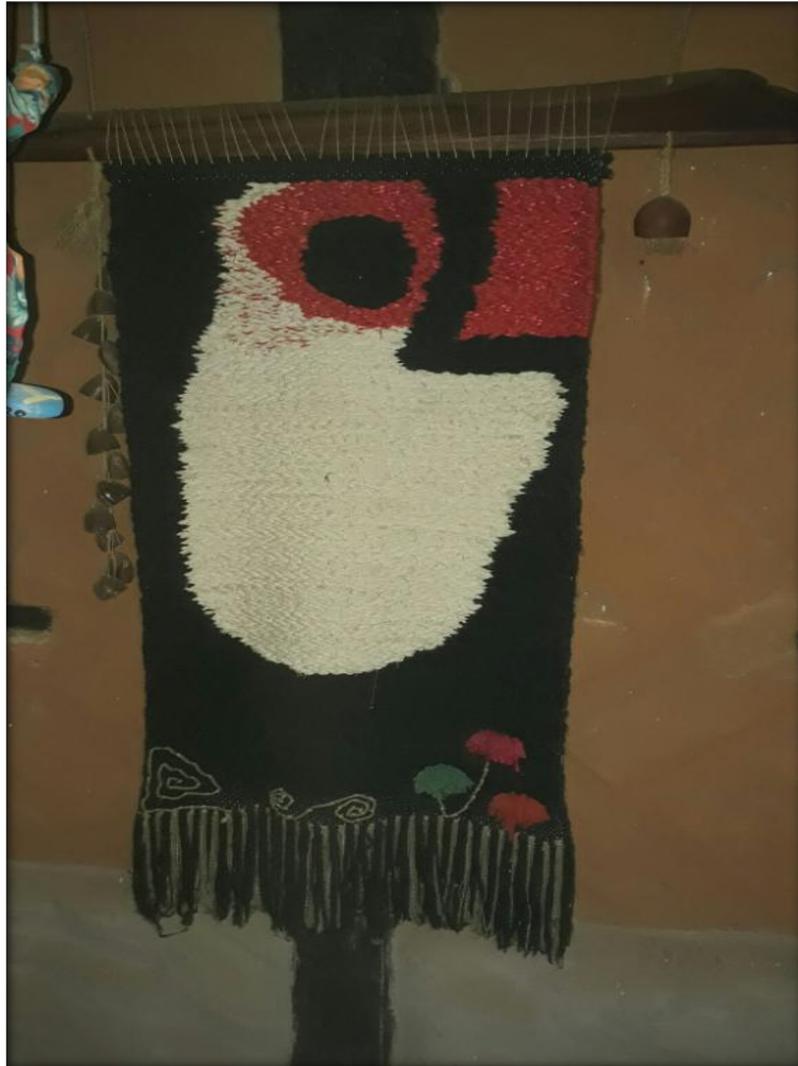
Fonte: Arlethe Santos.

**Anexo 3:** Peças de tecelagem Kalunga na loja da Associação Kalunga de Cavalcante



Fonte: Arlethe Santos.

**Anexo 4:** Painel Pica-Pau. Inspiração da fauna do Cerrado



Fonte: Arlethe Santos.

**Anexo 5:** Painei “Aranha”. Símbolo do Grupo Tear Itinerante, Alto Paraíso de Goiás



Fonte: Arlethe Santos.

**Anexo 6:** Dona Teresa e sua produção de tapetes



Fonte: Arlethe Santos.

**Anexo 7:** Linha utilizada para urdidura, com tingimento natural de anil



Fonte: Arlethe Santos.

**Anexo 8:** Pé de algodão no quintal de Dona Teresa



Fonte: Arlethe Santos.

**Anexo 9:** Novelo de palha de buriti, utilizado na trama do tear de mesa pente liço



Fonte: Arlethe Santos.

**Anexo 10:** Taquaras de buriti, utilizadas na trama do tear, em trançados e cestarias da Chapada dos Veadeiros



Fonte: Arlethe Santos.

**Anexo 11:** Projeto Teia do Cerrado e Olhares da Alma. Preparo de linhas para tecer, tingidas a partir do caule e das cascas de árvores do Cerrado



Fonte: <<http://olharesdaalma.blogspot.com>>.